



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Editorial

### Filosofia política para os desafios do presente

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita<sup>1</sup>  
magisterpita@gmail.com

Rompendo as fórmulas tradicionais e consagradas para editoriais de revistas e demais publicações acadêmicas, como seria o caso presente, gostaria de iniciar manifestando meu momentâneo estupor pelo convite que me foi apresentado de escrever o editorial que ora segue. Mas ressalto tratar-se de um espanto ambivalente, tanto pelo inesperado fato de haver-se considerado meu nome, quanto pela sincronicidade com que a informação me foi trazida, uma vez que a temática deste número tem-me, nas últimas semanas, ocupado o pensamento com desconfortável frequência.

Tal desconforto advém do somatório de uma série de informações que, agrupadas, mostram de forma irretorquível o insólito em que nosso cotidiano tem-se transformado: com a argumentação

---

<sup>1</sup> É Doutor em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, é Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense – UFF, é Especialista em Língua Latina pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e Graduado e Licenciado em Letras Português-Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Tem curso sobre *Esperanto kun teorilingvistika bazo C1* pela Universidade Jagelônica de Cracóvia – UJ – Polônia e é certificado como proficiente em Esperanto, nível C1 pela Universidade Eötvös Loránd – ELT – Hungria. É servidor público estadual do Rio de Janeiro, docente do Ensino Superior, professor adjunto, lotado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, na cidade do Rio de Janeiro. É servidor público Municipal, docente de Letras Português na Secretaria Municipal de Educação de Duque de Caxias – SME-PMDC. É servidor público estadual do Rio de Janeiro, docente III, de Língua Espanhola, da Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro – SEED-RJ. É Pesquisador-efetivo e Coordenador de Pesquisa do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa sobre Idioma Internacional Neutro – Esperanto. É Coordenador do Projeto de Pesquisa sobre Laboratório de Estudos do Renascimento Humanístico em Portugal. É Membro do Corpo Editorial dos periódicos “IΦ-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”, “O Marrare” e “Revista eletrônica Tessituras”. É revisor do periódico “O Marrare”. É autor de artigos científicos na mídia especializada nacional. É autor dos livros “Do era ao mais uma vez: o eterno retorno à Antiguidade Clássica e à cultura Oriental” (2015); “Baza kurso de Esperanto” (2015); “Octavius” (2015); “Kompleta Gramatiko de La Tupia Lingvo” (2015); “Vocabulário pentalingue – Kvinlingva Vortareto” (2014) e “A ilha e o corte: tensões e transformações na Antiguidade Clássica e na cultura Oriental” (2013). É co-autor nos livros: “As fronteiras da Antiguidade Clássica e da cultura oriental” (2017); “Imagens e miragens: Anais do V Congresso de Letras Clássicas e Orientais – LECO-UERJ” (2011); “Hispanismo 2000” (2011) e “Universo hispânico: língua, literatura, cultura” (2001).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fundamental de que o Ensino Médio deve “preparar os jovens para inserção no mercado de trabalho” – argumento que não deixa de ser louvável, diante da massa de jovens que chegam à idade laboral sem qualquer mínimo preparo para o exercício de qualquer atividade remunerada – tomo, bestializado, ciência de que, dentro do panorama da assim chamada “reforma” do Ensino Médio – subjaz uma enorme redução da oferta das disciplinas Sociologia, Espanhol, Artes e Filosofia.

Em que pese a propalada necessidade de inserção ser real – e de que eu reconheça que uma inserção subalterna no universo do trabalho e emprego ainda seja melhor que qualquer condição à margem do mesmo - essa medida não deixa de me fazer recordar o Concílio de Trento, pois evoca com nitidez o norte pretendido para dita “reforma”: a formação de mão-de-obra técnica, assalariada, desacompanhada porém de qualquer treinamento para o exercício de um pensamento autônomo e despreparada para o pleno exercício da cidadania, que ditas disciplinas podem despertar.

Mas há algo mais no ar: se a diminuição da oferta de Artes pode ter o efeito deletério de toldar não só a capacidade de fruição artística, nas suas mais diversas linguagens, também a capacidade de abstração e de interpretação fica embotada. Isso, somado à imposição da língua inglesa – em detrimento de outras, como o espanhol – evidencia a decisão de que se prepare o alunado para a recepção acrítica de uma matriz unívoca de pensamento (e de ideologia), tal como se fez no mencionado concílio. Enfim, sem qualquer meio-termo, assumem os propositores de tal “reforma” que, potencializando o que dizia Althusser, a escola deve ser, em sua visão sempre e tão somente, um aparelho ideológico do Estado; o qual é, no caso, aquele modelo que desde abril de 2016 se vem delineando, e cuja tônica tem sido a de inserção voluntária numa posição internacional subalterna.

Tomo esse exemplo como o mais cristalino, mas infelizmente não o único, de como, talvez mais que nunca, faz-se mister o resgate de estudos e práticas ligadas à assim chamada “Filosofia Política”; embora, não sendo eu filósofo, interrogo-me, talvez ingenuamente, se há alguma filosofia que não o seja. A necessidade dessa retomada repousa sobre o fato de que a sociedade - e não só a brasileira – se encontra num momento em que se presencia com tamanha nitidez a (re)construção, por diversas vias, de tão variadas formas de controle social, inclusive algumas que se tinham por



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

definitivamente sepultadas, que não só tentam direcionar, mas também conter, de maneira ao mesmo tempo prescritiva e proscritiva, o exercício da cidadania.

Uma delas vale aqui mencionar: se nos últimos dez anos as chamadas redes sociais se tornaram o principal veículo de divulgação de informações, assiste-se hoje à enxurrada das chamadas *fake news*, sob as quais se percebem estratégias de defesa de ideias, de linhas de pensamento e de manipulação política que apelam não para o exercício do raciocínio crítico e independente, mas, ao inverso, às mais viscerais e violentas manifestações de irracionalismo. E isso já tem motivado uma, ainda tímida, reação em prol da veracidade dos fatos citados nas redes sociais. No entanto, percebe-se que, no bojo das medidas que visam à contenção das *fake news*, há o desejo manifesto de que os órgãos de imprensa tradicionais reconquistem a condição de “palavra autorizada”, e portanto digna de credibilidade que perderam com o crescimento das redes e das novas dinâmicas de informação a ela ligados. Corre-se pois, o risco de, sob a desculpa de justificado combate às *fake news*, cercear-se também a liberdade de expressão dos usuários de internet.

Obviamente, para todos aqueles que ainda creem na liberdade de expressão, numa política conduzida por ideias e por ideais, no debate racional sobre a *res publica*, na educação como via prioritária para a formação de novas gerações capacitadas para a formulação de um pensamento independente, na busca de um projeto de nação e de mundo em que o obscurantismo ocupe o sarcófago que lhe cabe na História; o horizonte que se esboça não é dos mais animadores: por isso a sensação de amargura e desesperança que percebo naqueles que acabei de mencionar.

Mas reitero que, é em momentos como esse, que se impõem a concentração de esforços em projetos exequíveis, o desbaste das ideias que já não tem mais lugar nesse novo panorama e a reorganização de forças para recuperar espaços que podem parecer, hoje, perdidos.

Finalizando, quero recordar as palavras do grande mestre enxadrista Savielly Tartakower (1887-1956): “*Tática é saber o que fazer quando há algo a fazer; estratégia é saber o que fazer quando não há nada para fazer.*” Partindo dessas definições, e à luz do que a Filosofia Política poderá nos proporcionar, ousar dizer que, à espera do momento exato de agir, urge que aqueles que porventura se identifiquem com os grupos que acima mencionei, desenvolvamos, através da reflexão filosófica a respeito dos embates que, com cada vez mais incômoda pertinácia, nossa



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociedade atravessa(rá), novas estratégias e táticas que - para além de qualquer viés meramente ideológico, e muito menos partidário! - respondam a todos os desafios que se apresentam, e se possa, cumprindo-se os versos de Maiakóvski: “*arrancar a alegria lá do futuro*”.

Que os textos presentes neste número de IΦ-Sophia possam ser mapas e bússolas para que se alcance esse futuro no qual o pleno exercício da cidadania não seja novamente uma utopia.